



**“A questão do Pará! Na naturalidade da gente, isso pesava bastante sabia?”: preconceito e a resistência de paraense em Manaus (1970-2014).**

**MARINEIDE DA SILVA RIBEIRO\*<sup>1</sup>**

No dia 21 de fevereiro de 2011, saiu uma reportagem na qual várias equipes da imprensa deslocaram-se para uma comunidade chamada Santa Marta, na Zona Norte de Manaus com o objetivo de registrar a visita do então prefeito de Manaus, Amazonino Mendes, aquela comunidade depois de um desabamento que colocava a tal comunidade em risco. Entretanto, o que se noticiou naquele dia e nos subsequentes não foi o risco ou mesmo o desabamento nem a falta de planejamento urbano na cidade de Manaus, mas um vídeo em que aparecia a discussão do prefeito com uma moradora do local. Dentre as várias reportagens locais veiculadas naquele dia, destacamos o Diário do Pará que noticiou o ocorrido da seguinte forma:

*O prefeito de Manaus (AM), Amazonino Mendes (PTB), discutiu hoje com uma moradora de uma comunidade onde morreram uma mulher e duas crianças soterradas sob um barranco.*

*O prefeito disse que as pessoas na comunidade Santa Marta, na zona norte da capital amazonense, ajudariam a prefeitura "não fazendo casas onde não devem", ao que uma moradora não identificada retrucou: "Mas a gente está aqui porque não tem condição de ter uma moradia digna". O prefeito respondeu: "Minha filha, então morra, morra".*

*Depois, a moradora disse que, se era assim, "então vamos morrer todos", ao que o prefeito questiona sua origem. Quando ela responde ser do Pará ele encerra a discussão dizendo: "Então pronto, está explicado". A discussão foi ao ar na íntegra no da jornal TV Amazonas, filiada da Globo.<sup>2</sup>( Diário do Pará, publicado em 21 de janeiro de 2011)*

A fala, evidentemente eivada de preconceitos, dirigida à paraense não é propriamente uma novidade; na cidade de Manaus tem sido comum ouvir no cotidiano piadas e gracejos depreciativos referente aos paraenses. Neste caso o que chocou foi “institucionalização” do preconceito, uma vez que foi proferido pelo representante maior da cidade. Neste sentido, nos instiga compreender os sentidos históricos dessa construção pejorativa em torno dos paraenses. Que elementos têm contribuído para a propagação do preconceito do manauara com relação ao migrante paraense? Como esses migrantes vêm interpretando e lidando com ele no seu dia a dia?

---

\*Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Mestranda em História Social, bolsista da CAPES.

A capital do Amazonas tem exercido forte atração de migrantes de diversas partes do país desde 1970. Principalmente em função da efetivação da Zona Franca de Manaus(OLIVEIRA,2010:169,In:SILVA).Dentre os milhares de migrantes, os paraenses tem apresentado uma significativa presença,

As propagandas feitas são eficazes, enchem os migrantes de esperança acerca do trabalho na cidade, com inúmeros postos de trabalho aos olhos de quem chega criam expectativas de dias melhores. O distrito é o que mais atrai os cidadãos, a preferência por trabalhar num lugar onde tem garantias trabalhistas supera e muito o desejo de trabalhar no comércio. O distrito faz abrilhantar os olhos de muitas pessoas ou migrantes que trabalham no comércio. Talvez por isso dá-se a carência de vendedores no setor (JORNAL ACRÍÍTICA, publicado 16 de agosto de 2011); atraem muitas pessoas de outros lugares para a cidade, elas alimentam os sonhos dos migrantes que acreditam numa oportunidade de vida, eles criam para si, uma “outra cidade”, constroem imagetivamente a cidade desejada. (PESAVENTO, 2007:JAN/JUNE);

A representação sobre a cidade tem um papel crucial para aqueles que desejam uma “outra cidade”, a partir de uma visão utópica planejam um futuro cidadão sobre uma cidade sonhada e desejada por meio de projetos, concretizados ou não, eles remetem uma vontade que querer uma cidade, desta forma se tornam materiais da história, já que se irmana a possibilidade de imaginar a transformação do mundo. Contudo, imaginar o futuro, é também se encarregam de inventar o seu passado, constantemente aliando-se as inquietações do presente. Ou mesmo um futuro que muitas vezes acaba frustrando os seus sonhos. Com oportunidades de emprego em vários setores a cidade continua seduzindo aqueles que buscam dias melhores. O Estado do Amazonas tem sido procurado por muitos migrantes, entre esses estão os paraenses totalizando 146.081, e só na capital tem cerca 125.936, seguidos dos maranhenses com 26.226 e cearenses com 24.421 habitantes .( IBGE – anos 2000 e 2010)

Esses dados nos permitem refletir sobre forte presença de migrantes paraenses na cidade de Manaus atualmente. Entretanto tem-se notado que a vinda deles esta gerando uma situação de rivalidade entre amazonenses e paraenses resultando no preconceito contra paraenses. Com a chegada dessa população geralmente interiorana, percebe-se uma rejeição a partir de inúmeras piadas sobre o paraense na cidade. Quando perguntamos ao senhor José

Roberto Saraiva empresário-migrante do município de Castanhal, se em algum momento já haviam sido direcionadas a ele piadas preconceituosas por causa da sua origem ele disse que:

*Com certeza até os dias de hoje, hoje existe uma rivalidade do amazonense e o paraense, até hoje existe, isso o pessoal diz que o paraense é ladrão, eu nunca me levei por esse lado, porque ladrão em todo canto tem, no Pará, tem no Maranhão, tem aqui em Manaus, em todo canto tem. Então eu tive uma, ou seja, uma educação e mesmo que isso não era motivo pra mim, eu já vi muito amigo meu brigando por causa disso, essa rivalidade entre amazonense e paraense, o paraense diz que o amazonense é preguiçoso compra um jaraqui hoje e amanhã já não trabalha enquanto não acaba (risos) [...] Eu sempre relevei no caso na esportiva, tirava muito sarro com eles, até hoje tiro, com qualquer pessoa que seja, saiba brincar também né? Então relevava muito sobre isso (José Roberto Saraiva, 06/10/2014).*

A narrativa de seu José Roberto evidencia um dos preconceitos mais comuns: o de que os paraenses são “ladrões”. Esse estigma tem sido motivo de matérias jornalísticas a exemplo do Jornal Diário. Sobre inúmeros episódios de piadas e gracejos que migrantes com a promotora de marketing Thaís Araújo, sofrem diariamente, ela acredita que são chamados de “ladrão ” porque vem a Manaus a procura de emprego, já que a cidade oferece mais oportunidades do que o Pará (DIÁRIO, publicado em 31 de março de 2015)

A reportagem veiculada traz elementos importantes a despeito da procura de emprego e a colocação nos postos de trabalhos entre migrantes amazonenses. Essas justificativas são dadas frequentemente por muitos paraenses que reagem ao estigma de “ladrão”. Thaís diz que a disputa pelo mercado de trabalho incita ainda mais hostilidade de muitos amazonenses por paraenses. Parece ser a forma encontrada para tentar enfraquecer a vinda desses migrantes. O inchaço populacional e a crise do Distrito Industrial na década de 1990 podem ter contribuído para a disseminação desse tipo de comportamento acerca dos paraenses. Assim como os demais, o Sr. José Roberto conta que lida com o preconceito de forma bem humorada, leva na brincadeira as ofensas dirigidas a ele. O riso e as brincadeiras se apresentam na fala do migrante como estratégias para velar as piadas pejorativas a ele direcionadas. O riso tem enorme relevância na vida das pessoas, ele representa multiformes de significados para a sociedade. Mikhail Bakhtin pressupõe que “O riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais, pelas quais se exprime a verdade sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo [...] ” .( BAKHTIN,1989:57);

O que parece ser apenas comicidade entre migrantes paraenses e manauaras pode revelar “verdades” que gostariam de dizer no sério. Assim, as piadas ganharam espaço na cidade e rapidez na difusão através de vídeos e páginas na internet. Uma dentre as mais

famosas é a paródia relacionada a música “Dançando Calypso”, repleta de preconceito contra os paraenses, intitulada “João Paraense” que retratam a saga dos migrantes na cidade como a exemplo “*É show do ladrão, é show do ladrão. Passa pra cá meu bem bolsa e o celular, que eu fui criança do estado do Pará. Eu tava liso e sem cachaça pra tomar. E minha família me “trouxe” para cá [...]*” . (Disponível em < <http://www.oimpacto.com.br/acredite-se-quiser/video-chama-paraense-de-ladrao-e-gera-polemica/>> Acesso em 01 de abr. de 2015).

A paródia supracitada é uma alerta de que as brincadeiras contra a população paraense em Manaus, tem se tornado cada vez mais “aplumadas” com imaginação descabidas sobre a vinda deles. Mikhail Bakhtin postula que na Idade Média aquilo que causava temor, era convertido em comicidade, assim, graceja-se com que se teme, caçoa-se dele. ( BAKHTIN, 1987:57) É preciso observamos o que tem gerado todo esse conflito, Procura-se uma maneira de burla o que ameaça. A procura pelo emprego na cidade parece desponta na fala dos interioranos. Os paraenses chegam à Manaus com a perspectiva de trabalhar. Quando perguntamos à senhora Edilene Coelho Duarte Varela, enfermeira-migrante de Óbidos /PA, se ela já tinha sofrido preconceito em Manaus? ela nos disse que.

*Hurum, sentimos sim (risos) porque existe a rixa do amazonense com o paraense porque essa rixa não existe lá no Pará, a gente descobriu quando a gente chegou aqui né? Que existe essa rivalidade né? De paraense e amazonense né? Quando a gente vai ai logo eu percebi , quando a gente ia a procura de emprego e tudo, a questão do Pará! Na naturalidade da gente , isso pesava bastante sabia? Eu percebi em dois locais que eu fui, que eu não fiquei porque eu era paraense, e eu percebi isso, uma foi uma construtora , uma empresa de construção civil né? A pessoa que me entrevistava disse assim mas você e do Pará? Ai eu disse sou! mas eu não sabia da rivalidade! e outro salvo engano foi numa escola também na época da procura do emprego e tal. Eu não lembro bem dela mais eu lembro que tinha alguma coisa haver com a minha naturalidade, eu lembro bem dessa da construtora que eu fiquei arrasada. Que eu ainda até disse mais poxa só porque eu sou do Pará? Ai ele disse a gente liga pra senhora ai até hoje (risos). Dessa escola eu não me lembro, mais tinha alguma coisa haver sim, que eu fui indicada por uma colega e tal. E ela fala alguma coisa, ela deixou assim no ar que tinha alguma coisa haver com a minha naturalidade .Então eu sofri. Quando a gente fala ne? Eu principalmente falo muito nh, farinha, galinha. Então a gente já e conhecido por esse sotaque pela maneira de falar , mais eu acho que e só isso mesmo não tem grandes preconceitos , acho que e só essa rixa mesmo, uma rixa imbecil. (Edilene Coelho Duarte. Entrevista concedida em). (Edilene Coelho Duarte Varela, 13/10/2014)*

D. Edilene nos aponta um elemento que conjectura-se determinante - a disputa pelo mercado de trabalho. Ela nos diz que, em se tratando do preconceito contra paraenses, “foi pega de surpresa”. Mesmo se deparando com a hostilidade de muitos moradores da cidade, nossa depoente não desistiu do ideal de refazer sua vida em Manaus no ano 1997. No ano que ela chegou parece que não é um momento estável oferta de emprego. Segundo Marcia

Perales, percebe-se que houve uma grande oscilação da oferta de empregos na década de 1990, apenas 36.712 mil postos de trabalhos foram mantidos até setembro de 1999, de acordo com os números oficiais os postos de trabalho foram reduzidos em 53%, significando a perda de 40 mil vagas no DIM.(PERALES, 2010:32 );

Segundo Antônio Sérgio Guimarães, o preconceito pode dá-se verbalmente, reservado e exposto publicamente, esse último é caracterizado como discriminação. Nesta perspectiva, D.Edilene, sofreu preconceito, e também discriminação, no primeiro momento foi restringida ao acesso de oportunidades econômicas, sociais. (GUIMARÃES,2004:18) O crescente preconceito, e a discriminação sobre a migração paraense, são percebidos através do tratamento hostil que muitos manauaras demonstram. Por que esse sentimento? Ou ainda, Ele vem se fortalecendo a cada dia? As falas nos apontam que esse preconceito não era percebido com força antes dos anos 1990. O senhor Pedro Afonso Leal de Farias, ministro de culto<sup>3</sup>, migrante de Óbidos/PA, veio para Manaus em 1982. Ao ser questionado sobre sua percepção acerca do preconceito contra os paraenses, ele disse que:

*Bom essa questão preconceituosa, se acirrou entre paraenses e amazonenses, e que realmente foi um, chegou a virá mesmo uma chacota e piada ela se acirrou mesmo nos últimos anos, a principio não era assim, nas décadas anteriores não existia esse tipo de preconceito, por exemplo, pra ser mais claro que todo paraense é ladrão, esse preconceito é muito recente que não chega a dez anos, é muito recente. Tanto é que hoje existe muitas campanhas entre artistas do Pará e do Amazonas que combatem esse tipo de preconceito que existe mas, também havia um preconceito da parte dos paraenses algum preconceito dizer que todo amazonense é preguiçoso e não é verdade. Então é isso, ainda existe ou não sei se é só uma piada. E talvez por isso o amazonense diz que todo paraense é ladrão [risos]. Mas eu nunca me senti, ninguém nunca teve preconceito comigo, nunca, nunca[...]. Tenho amigos meus que trabalharam comigo no Amazonas. Eu imagino que é uma questão quase superada hoje 2014, talvez, talvez por piadas, mas não mais por preconceito mesmo.(Pedro Afonso Leal de Farias, 07/10/2014)*

A narrativa de seu Pedro nos fala que essas idiossincrasias; piadas e chacotas na atualidade, se fortaleceram nos últimos anos. levando em consideração que seu Pedro é morador da cidade desde 1982, e diz que naqueles tempos não percebia esse tipo de preconceito contra os paraenses, ou talvez silenciasse uma parte de sua vida que não quis expor, uma vez que ele reconhece o preconceito na cidade. O silêncio que recai sobre o passado muito provavelmente não será esquecido, é certo que há nas lembranças de umas e de outras partes de sobra, que por ter medo da repreensão daquilo que pode ser dito, acaba sendo

---

<sup>3</sup> Pessoa que exerce o ministério relativo a uma religião. Disponível em [www.jusbrasil.com.br/topicos/26389793/ministro-de-culto](http://www.jusbrasil.com.br/topicos/26389793/ministro-de-culto) Acesso em 01 de abr. de 2015

não dito, por não deixar um mal-entendido entre os que moram na cidade e quem está chegando à cidade. (POLLAK, 1989:3-15);

Percebemos que a dinâmica da migração na capital do Amazonas entre 1970-2000 corresponde cerca de 1,4 milhão de habitantes na cidade, deste montante cerca de 495 mil eram de outros lugares. (OLIVEIRA, 2010:70, In: SILVA); A partir da constituição da Zona Franca e o início da instalação das empresas multinacionais do Distrito Industrial de Manaus. Os números apresentados revelam um significativo crescimento populacional, registra um quantitativo considerável entre o período acima, exceto em 1991, ano em que a porcentagem de migrantes é de 27,7 % inferior ou índice de 33,7% do ano de 1980. Na década de 1990, a Zona Franca de Manaus passou por uma crise econômica muito forte que trouxe graves consequências como a ociosidade das empresas do Distrito Industrial. (IDEM, 2010:70);

A crise trouxe paralização em alguns setores industriais e desta maneira, evidencia-se a diminuição na migração para a cidade em relação à dinâmica econômica. Em 1994, com a implementação do Plano Real, as empresas retomaram o dinamismo econômico: produção e faturamento, porém não conseguiram recuperar o faturamento das empresas da mesma forma que era no ano 1989. Para tanto é possível observarmos a disputa pelo posto de trabalho entre a classe trabalhadora principalmente a partir do discurso do trabalho ‘dignificador’ para permanecer na cidade, identificamos vários migrantes que igualmente compartilham dessa mesma ideia. Quando direcionamos a nossa pergunta ao senhor Reginaldo dos Santos Castro instrutor e ex-industriário-migrante de Santarém/PA como ele vê a questão do preconceito, ele nos disse que:

*E na verdade eu encontrei outras coisas, não é porque o paraense rouba, né? mas porque o paraense vem pra cá pra trabalhar! O meu padrinho por exemplo ele disse, Reginaldo eu pego dez amazonenses o trabalho não anda! Eu tenho que pegar três amazonenses, cinco paraenses e no mínimo, no mínimo dois nordestino, se eu botar tudo amazonenses o trabalho não anda, não da certo, o trabalho não tem produção. Não é que o amazonense seja preguiçoso, mais a cultura dele não é tá trabalhando tanto. Já o paraense ele veio pra cá pra trabalhar e também porque o paraense a descendência dele é nordestina e a descendência do amazonense é local, é dos indígenas, é descendente dos Dessanas, dos tucanos, dos wai-wai e yanomami, é uma descendência diferente. Do Pará é uma descendência ou é do Sul, se for dividir o Pará, o pessoal lá da minha região, veio do maranhão, do Ceará e do Sul, ou seja, só gente que trabalha muito, né? o pessoal do sul descendentes de alemães e italianos, que trabalham muito com a agricultura, o pessoal do nordeste é descendentes de escravos, negros que são povo trabalhador. Então quando eles bate dentro de Manaus minha filha! eles vão trabalhar muito e as pessoas vão gostando do trabalho, vão colocando paraense. Então o paraense acaba ‘roubando’ digamos assim as vagas que era pra ser do amazonense, o objetivo dele aqui é*

*trabalhar e ter as coisas, né? Então, eu fui vendo isso, nas fábricas, no distrito.  
(Reginaldo dos Santos Castro, 16/10/2014)*

O Sr Reginaldo diz que a causa do preconceito dos amazonenses sobre os paraenses na cidade vem da aplicação e do destaque no trabalho, assim podemos analisa que versa-se a uma problemática que comporta razões mais profundas do que a rivalidade interestadual. Trata-se da sobrevivência na capital manauara, pois, estão em uma cidade “alheia” necessitando permanecer dela, e o trabalho é o fator primordial para fixa residência. Assim, a dinâmica do cotidiano fabril impõe produção, competência, agilidade. Para tanto, a crise na década de 1990, cooperou para que essa disputa ficasse cada dia mais acirrada. .

*Esta é uma questão, cujo paradoxo é inegável: a classe-que-vive-do-trabalho passou a conviver, durante a década de 90, com o alto índice de desemprego. Se, na relação entre capital e trabalho, a organização política tem-se constituído historicamente numa “arma em punho” para que os trabalhadores conquistem, assegurem e ampliem espaços em direção à melhoria de sua qualidade de vida, no mundo da produção capitalista reestruturada, novos e profundos desequilíbrios atingiram os trabalhadores e sua forma de trabalho e organização, através do crescimento da exclusão, do subemprego e do desemprego. Os trabalhadores, diante de uma situação instável, procuraram formas de assegurar seus empregos através do esforço pessoal e da adequação às mudanças no processo de trabalho.(IDEM,2010:39,In:SILVA)*

Os novos e profundos desequilíbrios parecem causar medo entre os trabalhadores, perder o emprego em plena crise não parecia vantajoso, ao contrario, traria prejuízos. Então, era necessário garantir seus postos de trabalho a partir do competência pessoal, e aceitar novas condições trabalhistas. Destarte o incomodo causados pelos migrantes na cidade parece está imbricado com as conseqüências da crise no D.I, os gracejos e as piadas se tornam cada dia mais frequentes. A despeito disso Michael Pollak diz que “ a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento. O discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a sí mesmo e aquilo que pode transmitir do interior (POLLAK, 1989:3-15);

O depoente inicia sua narrativa com certo cuidado em falar sobre o que pensa dos amazonenses, tenta fazer uma seleção do que pode ser dito. Ele ressalta que essa é uma cultura “errada” sobre os migrantes e que em Santarém não existe essa situação de roubos com frequência. Reginaldo aponta a causa dessa rixa a partir da disputa pelo trabalho e, este desponta como uma dos principais causas da rejeição do amazonense pelo paraense na cidade.

O trabalho aparece com frequência na sua fala numa construção argumentativa explicativa da relevância deles na capital manauara. A discriminação tem sido uma constante no cotidiano desses migrantes na cidade.

Os crimes de discriminação<sup>4</sup> podem ser vistos todos os dias. É o que nos conta dona Marta Freire de Oliveira Freitas professora-migrante do município de Santarém/PA, sobre a situação que enfrenta no seu cotidiano em alguns espaços de sociabilidade por onde frequenta.

*Pra onde eu vou, eu ouço esse tipo de preconceito, por onde eu ando, no centro da cidade, no meu trabalho, por onde eu ando, e as vezes aqui na Igreja, mas a gente tira por menos, leva tudo na brincadeira porque, porque nunca veio uma pessoa falar serio pra mim ofender, eu levo isso muito pro lado da brincadeira, assim como a gente tem, no meu trabalho tem alguns coleguinhas que brincam dessa forma, eu não ligo muito não, mas eu já vi casos sérios de pessoas ofenderem outras pessoas, eu ouço mas não me manifesto, ouvi isso em ônibus, na rua, por a pessoa saber que o fulano é paraense, a é paraense? Eu não presto, ele rouba, ele é mal caráter, ele tem uma péssima índole, então isso não é que acontece, que as pessoas costumam, é mas eu acho que isso acontece em qualquer lugar, a gente vê que nordestino e baiano sofre tanto, né? porque dizem que baiano gosta muito de festa mas não gosta de trabalhar. Então eu ouço mas nunca discuti, nunca fiquei chateada com ninguém por isso. Mais eu mostro pra pessoa, por exemplo uma das diretoras das escolas que eu trabalho, ela teve a situação difícil de relacionamento com uma pessoa do mesmo estado. Ela é paulista e essa moça é do Pará até da cidade onde e moro de Santarém, então ela tinha assim, ela absorveu essa rixa, né? entre amazonense e paraense. Então eu mostrei pra ela, que a gente, com a convivência da a gente, a gente não pode generalizar, né? então através da convivência ela percebeu que não foi só eu que passei pela escola que sou do estado do Pará, e que os paraenses são honestos, de bom caráter né? (Entrevista concedida por Marta Freire de Oliveira Freitas, 05/10/2014)*

D. Marta situações de constrangimentos contínuos tem ganhado força. Ela diz que “pra onde eu ando, no centro da cidade no meu trabalho, por onde eu ando, e as vezes aqui na igreja” se depara com situações de cunho preconceituoso e discriminatório, mas, leva na brincadeira, para não gerar conflitos. Ela percebe a gravidade do problema, no entanto, não percebe ou não quer avançar para uma discussão que cause maiores transtornos na sua permanência na cidade, ou talvez tenha medo de implicar na sua sociabilidade, já que são

---

<sup>4</sup> 1940 (Código Penal). A Lei 9.459 de 13 de maio de 1997 reza, em seu artigo 1º: “Serão punidos, na forma da lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Artigo 20º da mesma Lei fala em “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou o preconceito de raça, etnia, religião, ou procedência nacional”. Ademais, acrescenta um terceiro parágrafo ao Artigo 140 do Código Penal, que trata da injúria, para apenar com reclusão “de um a três anos e multa” a injúria, que “consiste na utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem” GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo, Preconceito e Discriminação ed.34, São Paulo, 2004, p.19

lugares de trabalho, igreja e centro da cidade. Ela diz não ligar muito para essas brincadeiras, mas, observa com peculiaridade as ações das outras pessoas em relação a sua naturalidade.

O local de trabalho é um campo fértil para disseminar o preconceito, a partir da fala da depoente evidencia-se que esse estigma pode ter relação com a luta pela sobrevivência e que esta é vinculada às condições da força de trabalho, a disputa acirrada pela concorrência dos postos de trabalho é concomitante com o expressivo contingente populacional que a cidade acolhe, colaboram para essa frenética disputa. É pertinente ressaltar que há migrantes de todas as regiões do país que também colaboram para que esses dados sejam elevados. A competição pelo mercado de trabalho dilata a competitividade entre os trabalhadores migrantes e locais. Como já percebemos no depoimento de D. Marta e dos demais paraenses o mercado de trabalho não se dá somente no mercado formal: indústria e órgãos públicos, ele se estende também pelo mercado informal, nossos depoentes também são trabalhadores autônomos: vendedores, empresários, instrutores de auto-escola.

Podemos observar que essas rivalidades sobre a disputa do mercado de trabalho são recorrente. Sidney Chalhoub faz uma análise parecida sobre o trabalho e a mentalidade da classe trabalhadora carioca no período pós-abolição. O autor observa que a reconstrução acerca do preconceito de âmbitos racial e nacional nesse cenário histórico, sincronizadas, por uma sucessão de imposições difundidas de forma vertical tanto pelas classes dominantes quanto pelos acordos dos populares às condições reais do duelo pela sobrevivência.(CHALHOUB,2012:61);

Não tem sido muito diferente a luta pela sobrevivência entre paraenses e amazonense na disputa pelo viver na cidade. A partir das entrevistas temos a possibilidade de observar a narrativa dos acontecimentos por outro ângulo, qual seja aquele dos sujeitos que são objeto, no caso deste trabalho, do preconceito e discriminação. Importa entendê-los não como vítimas inocentes que simplesmente recebem uma carga de ofensas, mas sim como sujeitos que reage e interage e também compõe argumentos para defenderem sua condição de trabalhador que luta pela sobrevivência como qualquer outro.

***“Me lembravam muito as minhas raízes, o interior de lá onde tinham as festas, da onde o meu pai tocava”.***

As festas e associações paraenses também são percebidas nas falas do migrantes como formas de resistência para permanecer na cidade. Embora tenham sofrido forte preconceito e discriminação, eles criam estratégias de resistência para ter o direito a cidade. Ressignificando os espaços de sociabilidade se tornar familiar, criam formas de reorganizar o espaço vivido, qual seja, um pouquinho do lugar que foi deixado socialmente para trás. Rememorar e praticar as festas é fundamental para esses que aqui desejaram permanecer.

Não muito distante, os historiadores vem mostrando interesses por uma vertente de pesquisa com pouca visibilidade, deixando de lado temas dominantes que despontavam como objeto de estudos historiográficos. Conforme Rachel Soihet, a historiografia sofreu novas tendências ao resgatar elementos que ficavam à margem das análises, no intuito de recuperar as manifestações e as diversidades de resistência. Uma das principais problemáticas em relação a poucas abordagens desse tema é a dispersão dos registros no que diz respeito a esses novos segmentos. A análise desses temas são difíceis de compilar, chegam com mais facilidade através da oralidade. Assim compete ao historiador; *“Nessas circunstâncias, valer-se de “elementos imponderáveis: o faro, [...], a intuição”, a fim de obter as pistas, os índices que lhe possibilitaram superar a opacidade e a fragmentação da documentação e desvendar o universo daqueles segmentos.* (SOIHET, 1992: 44-59)

Aflui para uma imaginação deste conceito de forma abrangente, social e temática; inculcando as crenças, arte, moral, lei e costumes, ademais, incluindo outras capacidades e hábitos possuídos pelo homem que está inserido numa sociedade. Ca minha para uma ideia integral, no entanto processual, inclinada para a transformação cultural e suas maneiras de ocorrência. (IDEM,1992:44-59) Alguns historiadores como Robert Darnton (DARNTON,1998:13), Carlo Guinzburg,( GUINZBURG,1987:12) eles nos ajudam a pensar sobre a cultura como aporte teórico para nossa reflexão acerca da resistência simbólica criadas pelos paraenses que moram na cidade. Para permanecer na cidade os migrantes criam estratégias de resistências como manifestações culturais; as festas são recriadas na capital amazonense para relembrar os lugares de origens. Quando perguntamos a seu Claudio Roberto Lisboa Rego industrial-migrante de Santarém/PA se ele já tinha ido há alguma festa paraense em Manaus? Ele respondeu que;

*Quando tem alguma atividade relacionada ao Pará eu sempre tô presente, até porque as amizades são grandes né? A festa paraense, recentemente foi um sucesso, lá o Pinduca lá deu um show lá entendeu? Teve varias bandas de lá de Santarém, lá no Fast Club e foi muito legal, regado a culinária, as iguarias entendeu? Tinha*

*bastante coisa tipo maniçoba, pato no tucupi entendeu? Vatapá essas coisas nossas mesmo (Claudio Roberto Lisboa Rego, 18/10/2014).*

Seu Cláudio fala dos principais entretenimentos na cidade, as festas que ocorrem nas noites manauaras são lugares certos, como o boi Manaus: festa típica do Amazonas que fomenta as toadas dos Bois Garantido e Caprichoso, o carnaval e a festa paraense recheada de bandas e cantores como Pinduca<sup>5</sup> o ícone do Carimbó, a culinária é uma forte aliada para matar a saudade de casa, ela já entrou no calendário dos migrantes, ocorrida no mês de julho, ele diz que não perde esse acontecimento, “até porque as amizades são grandes” ou seja, há uma familiaridade e laços de sociabilidade de uma mesma classe ou com interesses compartilhados.

Os novos cidadãos tem buscado a identificação com sua gente, através de seguimentos da cultura que são as festividades. O evento foi criado por paraenses radicados em Manaus, no intuito de acabar com o “ranço” entre os dois estados, nos últimos anos tem se fortalecido através dos midiáticos, com propagandas do “ *Arraiá Pai d’Égua, Arraiá paraense em Manaus, Atrações: Pinduca “o rei do Carimbó”, Cordão do Marambaia, segura pisada, Amazon Beach, Acontecerá dia 19 de julho de 2014, festa Clube (antigo Fast Clube), Estrada dos Franceses* (O IMPACTO, publicado em 8 de julho de 2013)

A respeito desses interesses sobre a cultura como potência motivadora das transformações históricas autores como Edward Thompson (THOMPSON, 1987:10) ampliou sua visão acerca da cultura, ele diz que não há como dissociar a classe da formação social e cultural. Thompson diz que a classe ocorre no momento em que alguns homens, como consequência de experiência comum, (herdadas ou partilhadas) Os novos moradores da cidade buscam recriar os espaços de sociabilidade a partir de elementos da cultura que os fazem lembrar dos costumes e modos de vida no interior. Desta forma importar resgatar as inúmeras experiências dessas pessoas a partir das festas como um dos segmentos da resistência. Assim, conseguimos o depoimento daqueles que atuam na cidade como sujeitos

---

<sup>5</sup>É um dos maiores representantes da cultura popular no Brasil. Canto e compositor, o “Rei do carimbó”, como é carinhosamente conhecido em todo Brasil, criou ritmos como: Sirimbó, Lári-LÁRI, Lambada e Lamgode. Ele já gravou 30 discos em trinta anos de carreira. Desde 1973, quando gravou seu primeiro disco, até seus últimos lançamentos realizados pela Somzoomsat, onde destaca-se o seu 29º com Pinduca ao Vivo e agora, lança o seu 30º CD. Pinduca divulgou seu ritmo em vários países: Bolívia, Peru, Colômbia, Angola, Guiana Francesa e fez um grande sucesso na excursão realizada em agosto de 2000 para Alemanha, com sua banda completa, onde participou do festival de música brasileira HEIMATRLANGE. <Disponível <http://www.bregapop.com/component/content/article?id=32:historia-de-pinduca>, Acesso em 27 de març.de 2015.

desse processo. Perguntamos a senhora Jane Galúcio Cerdeira professora-migrante do município de Curuaí/PA, se ela frequentava as festas na cidade? Ela nos relatou que;

*Os lugares que eu me identificava apesar de eu já conhecer, eu tava fazendo um curso de artes. Então eu já conhecia música popular brasileira, a história, as artes plásticas de um modo geral, conhecia a importância do patrimônio arquitetônico da nossa cidade que tem todo um significado histórico e tudo mais, mas eu me identificava muito mais com os guetos lá da zona leste, sabe? Da onde era o meu povo, o meu lugar, das pessoas que eu me identificava. Então eu lembro muito que tinha uns lugares nesses bairros pra lá que se chamavam nessa época, eram os “inferninhos”, aí eles diziam assim. Vamos no “inferninho?” e eu já tava professora e aí nós saíamos sexta-feira depois do 5º tempo, a turma saía pros “inferninhos” e a gente ia de “inferninho” em “inferninho” fechando os “inferninhos” a gente ia num tal de Acapucu que tinha lá na Grande Circular, e depois a gente ia pros lugares não sei, e terminávamos lá na Panair comendo peixe assado e de lá que cada um ia pras suas casas. Então isso, o tipo de música, a sonoridade, as músicas que eram tocadas é... me lembravam muito as minhas raízes, o interior de lá onde tinham as festas, da onde o meu pai tocava. (Jane Galúcio Cerdeira, 03 de março de 2013)*

Embora D. Jane já tivesse dentro de uma faculdade, ela não conseguia se dissociar das suas lembranças interioranas recheadas de saudades, conhecedora do que é chamada música popular brasileira<sup>6</sup>, e das artes diversas, ela não esqueceu a cultura que absorveu no interior. Clinford Geertz diz que a cultura é um padrão historicamente disseminado, traduzido em símbolos, ligado a um conjunto de elementos herdados, expressos em formas simbólicas, através dos quais os homens interagem, eternizam e difundem o conhecimento e suas atividades a respeito da vida. (GEERTZ, Apud, BURKE, 2005:52);

Desta forma D. Jane exprimi a necessidade buscar em Manaus sistemas simbólicos que representam o seu povo, a sua gente, buscou os guetos da Zona Leste para se aproxima dos seus costumes interioranos, a fala da migrante retrata bem como a zona leste é percebida por muitos moradores das outras zonas da cidade, lugares de exclusão. Equiparamos essa análise a obra de Sandra Pesavento em seus estudos sobre os enclaves: os becos da cidade de Porto Alegre, esses espaços são qualificados de redutos dos excluídos : territórios dados a condenação, amaldiçoados, esquecidos (PESAVENTO, 2001:28), são os espaços onde se aloja boa parte dos migrantes que chegam na cidade. Esses homens e mulheres procuram espaços

---

<sup>6</sup> Realizando atualmente uma pesquisa, que procura inventariar e avaliar a produção de folclorista, memorialistas, sobre “festas, danças e músicas popular brasileira” entre 1850-1950, localizamos uma importante discussão comandada por intelectuais ligados à “música popular brasileira” consagrada a partir das décadas de 1930-1950, por Mário de Andrade e Gilberto Freire como “a mais forte criação da nossa raça” e “arte mais totalmente nacional, foi possível perceber” que desde o século XIX, já existiam pequenos esforços de valorização e resgate de “música popular” acompanhando de perto as polêmicas criações sobre o caráter nacional brasileiro. Disponível em [www.historia.uff.br/nupehc/files/marth.pdf](http://www.historia.uff.br/nupehc/files/marth.pdf). Acesso em 20 de març.de 2015.

de sociabilidade percebido na fala de D. Jane como os “inferninhos”<sup>7</sup> tido como lugares perigosos como diz o jornal do Em tempo (EMTEMPO, publicado em 22 de setembro de 2013)

As músicas que de alguma forma lembravam o interior que a migrante foi criada, são sonoridades que despertam a atenção da depoente imbricando nas práticas simbólicas das festas de sua cidade, se frequentar os “inferninhos” era e é hostil, arriscado para muitos moradores da cidade, para D. Jane era uma satisfação, mesmo que já tivesse contato com a “boa música popular brasileira”, ela não abria mão de se divertir nas noites de sexta-feira. Michel Vovelle analisa *“a festa como um campo maravilhoso de observação para o historiador: momento de verdade em que um grupo ou uma coletividade projeta simbolicamente sua representação até filtra metaforicamente todas as suas tensões* (VOVELLE, Apud,SOHIET,1992:44-59 )”.Natalie Zemon Davis vê a festa como componente importante da vida comunitária (até mesmo da garantia de sobrevivência), visto que explica de forma intensa as dimensões dos papéis sociais e o enfrentamento dos símbolos que eles representam (ZEMON,1990:87) Assim, a festa é um campo de resistência para os paraenses que moram em Manaus, entre a disputa pela sobrevivência através do trabalho, encontram forças nos momentos de diversão para permanecer na cidade.

### **Referências:**

Fontes orais

Nome: **JOSÉ ROBERTO SARAIVA**

Data da entrevista: 06 de outubro de 2014.

Nome: **EDILENE COELHO DUARTE VARELA**

Data da entrevista: 13 de outubro de 2014.

Nome: **PEDRO AFONSO LEAL DE FARIAS**

Data da entrevista: 07 de outubro de 2014.

Nome: **REGINALDO DOS SANTOS CASTRO**

---

<sup>7</sup>Pop. Designação de certas Boates menos refinadas disponível em < [www.dicio.com.br/inferinho](http://www.dicio.com.br/inferinho)> de acesso em 22 de març.de 2015.

Data da entrevista: 16 de outubro 2014

Nome: **MARTA FREIRE DE OLIVEIRA FREITAS.**

Data da entrevista: 14 de outubro de 2014

Nome: **CLAUDIO ROBERTO LISBOA REGO**

Data da entrevista: 18 de outubro de 2014.

Nome: **JANE GALÚCIO CERDEIRA**

Data da entrevista: 03 de março de 2015.

### **Fontes diversas**

Disponível em < <http://www.oimpacto.com.br/intercambio/festa-em-manaus-visa-aproximar-populacao-do-para-e-amazonas>. Acesso em 13 de mar. de 2015.

Disponível em [www.historia.uff.br/nupehc/files/marth.pdf](http://www.historia.uff.br/nupehc/files/marth.pdf). Acesso em 20 de mar. de 2015.

Diário do Pará, 21 de janeiro de 2011. Disponível em < [www.diarioonline.com.br](http://www.diarioonline.com.br) > Acesso em 28 de março. de 2015.

JORNAL ACRÍTICA, Manaus, 16 de agosto de 2011, Disponível em < [Acrítica.uol.com.br/manaus](http://Acrítica.uol.com.br/manaus) > cesso em 31 de março de 2015.

JORNAL EM TEMPO Disponível em < [www.emtempo.com.br](http://www.emtempo.com.br) > Acesso em 22 de março. de 2015.

### **Bibliografia**

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o conceito de François Rabelais, tradução de Yara Franteschi Vieira, São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília, 1987.

CHALHOUB, Sidney, Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque, Campinas, SP: editora da Unicamp. 2012.

DARNTON, Robert, O Grande Massacre de Gatos, Rio de Janeiro, Graal, 1988.

DAVIS, Natalie Zemon, Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GUIMARAES, Antonio Sergio Alfredo Preconceito e Discriminação. São Paulo, Fundação Universidade de São Paulo, 2004.

GUINZBURG, Carlo, O queijo e os vermes, São Paulo, Companhia das letras, 1987, p.12.

OLIVEIRA, José Aldemir de, Gente em movimento migração no contexto regional da Amazônia .In: Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar. Edua, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, Cidades visíveis, cidades sensíveis, Revista Histórica [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002) <[www.diarioonline.com.br](http://www.diarioonline.com.br)> Acesso em 31 de març. de 2015.

\_\_\_\_\_, Uma Outra Cidade: O mundo dos excluído no Final do século XIX, Companhia das letras, São Paulo, 2001.

POLLAK, Michael, Memória, Esquecimento e Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV/Cpdoc, 1989.

SILVA, Márcia Perales, Expressões do mundo do trabalho contemporâneo: um olhar para os trabalhadores do Parque Industrial de Manaus/Marcia Perales Mendes Silva – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

SOIHET, Rachel, O drama da conquista na festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.9, 1992.

THOMPSON, Edward E, A formação da classe operária Inglesa, vol.1, São Paulo, Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford, citado por BURKE, Peter, O que é História Cultural, tradução: Sergio Góes Paula, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, ed. 2005.

VOVELLE, Michel, Ideologias e Mentalidades, In: SOIHET, Rachel, O drama da conquista na festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.9, 1992.